

DIMENSÃO SUBJETIVA DO TRABALHO DE RIBEIRINHOS EM UMA COMUNIDADE RURAL DO AMAZONAS¹²

Subjective Dimension of the Riversiders Work in a Rural Community in Amazon

Josiane da Silva Maciel³ 

Universidade Federal do Amazonas⁴
Manaus, Amazonas, Brasil.

Rosângela Dutra de Moraes⁵ 

Universidade Federal do Amazonas
Manaus, Amazonas, Brasil.

Socorro De Fátima Moraes Nina⁶ 

Universidade Federal do Amazonas
Manaus, Amazonas, Brasil

Resumo

O trabalho rural no Amazonas caracteriza-se por multiplicidade de atividades, com uma organização de trabalho peculiar, marcada pela complexidade. Este artigo fundamenta-se na abordagem teórica da Psicodinâmica do Trabalho, destacando como categoria de análise a organização do trabalho. Parte de uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo foi analisar a organização de trabalho e as vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores rurais em uma comunidade ribeirinha no município de Anori- AM. A pesquisa recorreu à abordagem qualitativa. Utilizou-se para a coleta dos dados entrevista semiestruturada e observação participante. Os participantes foram dez trabalhadores. Para a análise de dados recorreu-se à sistemática de análise inspirada na Grounded Theory. Nos resultados destaca-se que o Ribeirinho possui diferentes tipos de trabalho, organizado no círculo familiar, voltado para a subsistência da família. Para lidar com as adversidades, os Ribeirinhos recorrem à experiência, sabedoria prática, mobilização subjetiva e cooperação, conquistando assim a subsistência de sua família.

Palavras-chave: Psicodinâmica do trabalho. Organização de trabalho. Trabalho rural Ribeirinho.

¹ Editora responsável pela avaliação: Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni.

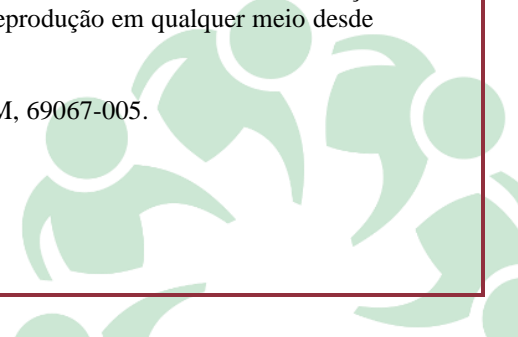
² Copyright © 2023 Maciel, Moraes & Nina. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons. Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

³ josy_maciell@hotmail.com

⁴ Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005.

⁵ rosangela_dutra@terra.com.br

⁶ socorromoraesnina@gmail.com



Abstract

The rural work in the Amazon is characterized for multiple activities, with a peculiar work organization, marked by complexity. This article is based in the theoretical approach of psychodynamics of work, highlighting as category of analyse the work organization. Part of masters search, whose the objective was to analyse the work organization and the experiences and suffering of the rural workers in a Riverside community in the municipality of Anori-AM. The search resorted at qualitative approach. It was used for the data collection a semi-structured interview and participant observation. The participants was ten workers. To the data analyse resorted at systematic analysis inspired by Grounded Theory. In the results stand out that the Riverside was diferents types of Jobs, orgnized in the family circles turned to family subsistence. To deal with adversities, the riversiders resort at experience, the pratical wisdom, subjective mobilization and the cooperation, thus conquering their family subsistence.

Keywords: Work psychodynamics, Works organization, Rural Riverside work.

Introdução

O trabalho rural no Amazonas é constituído por uma dinâmica complexa, em uma organização de trabalho que abrange práticas que se desenvolvem conjuntamente na terra, na água e no mato. Há uma conexão entre a vida e a organização de trabalho do Ribeirinho, o que propicia diferentes formas de manifestação do modo de vida nas situações de trabalho.

O trabalhador Ribeirinho habita e trabalha na várzea amazônica, lugar marcado por enorme diversidade ambiental, social, econômica e cultural. Sua identidade é constituída por um conjunto de práticas, costumes, valores, crenças e conhecimentos tradicionais.

Segundo Calegare (2012), as comunidades ribeirinhas possuem saberes adquiridos de outras gerações que modelam seu modo de vida e por vezes confundem a organização social e a relação com um mundo natural, suas múltiplas identidades regionais fazem que sua realidade de vida possua significados próprios.

A presente pesquisa partiu do interesse da primeira autora de estudar o trabalho do Ribeirinho, a inserção no grupo de estudo do Laboratório de Psicologia, trabalho e saúde - LAPSIC, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, permitiu o diálogo e a aproximação com a temática trabalho e, ao participar de algumas visitas e do processo de observação participante do campo rural da pesquisa de doutorado de Nina (2014), foi possível refletir e experienciar situações que a fizeram voltar ao passado, à origem ribeirinha e lembrar acontecimentos que constituíram sua historicidade, sendo essa a implicação subjetiva do estudo. Acredita-se que esta abordagem psicológica do trabalho propiciou relevantes contribuições para o trabalhador rural enquanto sujeito social, cultural, que, ao ser confrontado com o seu saber fazer, falou e deu visibilidade às reais condições de suas vivências e experiências do seu

contexto de trabalho. Realizar esta pesquisa tem uma historicidade, que além de contribuir com o ribeirinho, contribui com o meio científico ampliando o conhecimento acerca da dimensão subjetiva do trabalho rural.

O trabalhador Ribeirinho do município de Anori, no Amazonas, enfrenta várias dificuldades em sua atividade de trabalho, destacando-se aquelas decorrentes das cheias e vazantes anuais dos rios. A pesquisa propôs como questão norteadora: como se constitui a organização de trabalho do Ribeirinho, neste contexto que envolve o seu cotidiano? Nesta direção, o objetivo da pesquisa consistiu em analisar a organização de trabalho e as vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores rurais em uma comunidade ribeirinha no município de Anori-AM.

Trabalho é um termo polissêmico e seu objeto possui múltiplas facetas. Historicamente é pautado por diversas correntes teóricas, com visões que abrangem o cultural, o econômico e o social. Dentre as concepções de trabalho filiadas às teorias críticas, se destaca a Psicodinâmica do Trabalho.

O presente trabalho parte do arcabouço teórico da Psicodinâmica do Trabalho, privilegiando a obra de seu criador, Christophe Dejours. Segundo o autor, trabalhar não é apenas produzir; é também uma provação que transforma a subjetividade, ampliando-a através de experiências (Dejours, 2012b). Neste sentido, o trabalho apresenta o potencial de favorecer a realização do sujeito.

Psicodinâmica do Trabalho: uma abordagem voltada para a subjetividade do trabalhador

A Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem teórico-metodológica que se volta para o estudo da dimensão subjetiva do trabalho; se relaciona com outras disciplinas das ciências humanas e sociais, mas, sobretudo configura-se como uma clínica. Seus estudos não estão voltados apenas para analisar o sofrimento e as patologias relacionadas ao trabalho, mas também têm buscado mostrar que a mobilização subjetiva pode ser um propulsor para transformar o sofrimento em prazer. Neste sentido, o trabalho pode atuar como operador de saúde (Dejours, 2017).

Criada em 1993 (Dejours, 2011a), a Psicodinâmica do Trabalho configura-se como:

Antes uma disciplina clínica que se sustenta na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental. É, em seguida, uma disciplina teórica que se esforça por inscrever os resultados da pesquisa clínica da relação com o trabalho em uma teoria

do sujeito que observe, a um só tempo, a psicanálise e a teoria social (Dejours, 2012b, p. 23).

A Psicodinâmica do Trabalho propicia uma diversidade de conceitos que permite ao pesquisador a compreensão de como a subjetividade atua ou é mobilizada no contexto do trabalho. Para Dejours (2017), essa teoria é imprescindível para a compreensão do trabalho vivo e seus os efeitos, benéficos ou nocivos para o funcionamento psíquico do sujeito, tendo em vista as adversidades do trabalho.

Segundo Dejours (2011a, 2012b) o trabalho, em essência, encontra-se na lacuna entre o prescrito e o real, na distância entre a organização do trabalho e os procedimentos realizados por homens e mulheres na execução das tarefas. A organização do trabalho se constitui da divisão de trabalho, do controle do tempo, do conteúdo da tarefa, das modalidades de comando, da produtividade, dos sistemas hierárquicos, das regras e das normas. O autor destaca que a organização de trabalho é, em si, repleta de contradições; pode propiciar ao trabalhador tanto vivências de prazer quanto de sofrimento. E ainda, é pelo viés da organização do trabalho que as relações sociais se estabelecem.

De acordo com Moraes (2013) é na insuficiência da prescrição e diante dos imprevistos inevitáveis na organização de trabalho que o sujeito vivencia o sofrimento do “não saber fazer”. O sofrimento pode encaminhar-se para diferentes destinos: o patogênico, quando se esgotam os recursos defensivos e o sujeito passa a vivenciar a experiência, por vezes intransponível, de fracasso. O outro destino possível é a transformação do sofrimento em prazer, que acontece quando, diante do sofrimento, o sujeito mobiliza-se recorrendo à inteligência prática e à cooperação, construindo soluções, ultrapassando os revezes e, assim, conseguindo executar bem seu trabalho.

Quando o trabalhador consegue suportar o sofrimento e subvertê-lo em prazer, há uma expansão da subjetividade, pois neste processo o sujeito supera as resistências do real, em um movimento de conquista e transformação de si mesmo (Dejours, 2012b). Além do exercício da inteligência prática, o trabalho possibilita um movimento coletivo baseado na cooperação, na vontade de ajudar. A partir desta pode-se mobilizar um processo de construção coletiva para lutar contra a dominação e enfrentar as adversidades, tendo como fundamento a cooperação (Dejours, 2012a).

Outro importante dispositivo para a transformação do sofrimento, na perspectiva dejouriana, é o reconhecimento, que consiste, fundamentalmente, na retribuição moral e simbólica pelo empenho da subjetividade para realizar um bom trabalho. O reconhecimento é assentado na relação com o outro, que pode ser o superior hierárquico, os pares ou os clientes.

O reconhecimento dota de sentido todo o investimento subjetivo e por isso transforma o sofrimento em prazer, com a sensação de que “valeu a pena” (Dejours, 2012b).

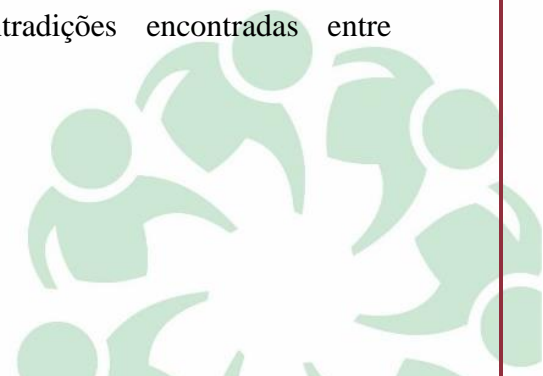
Moraes (2015), desenvolvendo pesquisas com diversos coletivos de trabalhadores na Amazônia, menciona que estes detêm o saber do real do seu trabalho. O sujeito é inteligente e capaz de rever e subverter suas condições de trabalho e propor melhorias frente as adversidades que se apresentam. No entanto, geralmente seu saber é desvalorizado pela cultura do mandonismo e coronelismo, que persistem no imaginário dos detentores dos meios de produção, sobretudo no Norte do Brasil. Voltando-se para o trabalhador rural, neste artigo as autoras recorrem ao fundamento teórico da Psicodinâmica do Trabalho para analisar a organização de trabalho do Ribeirinho e seus desdobramentos sobre a sua identidade e a produção de saúde e adoecimento.

Percurso Metodológico

O método desta pesquisa segue os parâmetros da abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (2014), esta se volta para as vivências sociais, visando compreender a história do sujeito no contexto em que se evidencia no campo de estudo. Neste sentido, tendo o projeto como ponto de partida, foi-se construindo no caminhar, de acordo com a realidade vivenciada no cotidiano da pesquisa.

Instrumentos

Como instrumentos de coleta de dados utilizou-se a entrevista individual semiestruturada e a observação participante - diário de campo. O roteiro de entrevista constituiu-se de perguntas abertas. A coleta de dados foi realizada pela primeira autora. Segundo Minayo (2014), a entrevista semiestruturada consiste em perguntas que obedecem a um roteiro, tendo como premissa facilitar a abordagem ao sujeito e assegurar aos investigadores que suas hipóteses sejam alcançadas. Já na observação participante – registrada em um diário de campo, o pesquisador anota todas as observações, as impressões pessoais, os achados advindos de conversas informais, assim como as contradições encontradas entre comportamento e nos discursos do sujeito observado.



Participantes

O estudo foi desenvolvido com dez trabalhadores da localidade Costa do Ambé no município de Anori - AM. Foram entrevistados cinco homens e cinco mulheres, com idade entre 18 e 66 anos, pertencentes a diferentes famílias. Como critério de inclusão, os trabalhadores participantes da pesquisa teriam que ser: trabalhadores rurais ribeirinhos, residentes na Costa do Ambé - Comunidade São João, com faixa etária de 18 a 70 anos, bem como aqueles que demonstrassem interesse em participar e assinassem o TCLE. Como fator de exclusão, os trabalhadores que apresentassem no decorrer da pesquisa algum problema que os impossibilitasse se comunicar durante o processo da entrevista, como por exemplo, alguma enfermidade. Neste sentido, cumpriu-se o objetivo que era entrevistar pelo menos duas pessoas de cada família, sem critério de gênero. A propósito, ao invés de caboclo⁷, neste trabalho utilizou-se o termo Ribeirinho, que é preferido pela maior parte dos participantes da pesquisa.

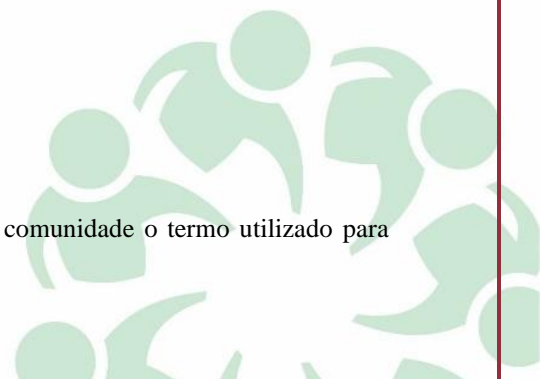
Com o intuito de preservar a identidade dos participantes na citação das falas, utilizaram-se os seguintes nomes fictícios: Chicó, Francisco, Gabriel, Iracema, Joaquina, João, José, Lika, Lourdes e Suely.

Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na localidade Costa do Ambé, localizada no município de Anori-AM. A área da pesquisa é denominada de várzea, que configura-se como lugar de grande extensão de terra plana cultivável, banhada por um rio de água barrenta. Neste caso, o Rio Solimões. Este lugar passa por alagação e variação do nível da água dos rios anualmente. O município de Anori localiza-se a Oeste de Manaus, capital do estado, distando desta aproximadamente 247 quilômetros. O acesso a este lugar se dá por via fluvial, por barco ou lancha. O tempo estimado do percurso de viagem de barco de Manaus para Anori é de aproximadamente 18 (dezoito) horas de barco e 6 (seis) horas de lancha.

A comunidade ribeirinha pesquisada pertence ao município de Anori-AM. Esta possui uma população estimada de 21.937 pessoas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021).

⁷ Vale esclarecer que ao invés de caboclo como descrito na literatura, na comunidade o termo utilizado para moradores para se identificarem é “caboco”.



A comunidade onde ocorreu a pesquisa é constituída organizacionalmente por uma localidade conhecida como Costa do Ambé, que possui cerca de 68 casas palafitas⁸ e 7 casas flutuantes⁹. Nesta localidade situam-se a Comunidade São João, a comunidade Nova Jerusalém e a Nova Esperança. A assinatura do termo de anuência para a realização da pesquisa foi solicitada aos representantes da Comunidade São João porque esta apresentou-se mais organizada, havendo documento de criação, estatuto, uma diretoria com representante eleito e, sobretudo, porque todos os moradores da localidade Costa do Ambé participam e se beneficiam da única escola da localidade, situada na comunidade São João. A comunidade São João é representada politicamente por um presidente e um vice, sendo estes responsáveis por organizar reuniões, transmitir informações ou advertir os moradores.

Procedimentos para coleta e análise de dados

Primeiramente a pesquisadora abordou os participantes para conversar sobre a proposta da pesquisa, e ressaltou que a participação seria voluntária. Explicitou e firmou os princípios éticos da pesquisa. A partir da construção de vínculo de confiança leu e explicou o TCLE-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e em seguida solicitou aos participantes que o assinassem.

A pesquisadora realizou cinco viagens de Manaus a Anori para realizar a coleta de dados, sendo que nas três primeiras permaneceu na comunidade menos de uma semana; na quarta permaneceu doze dias e na quinta permaneceu quinze dias. Em todas as viagens, a mesma hospedou-se na casa dos seus pais, que são moradores da comunidade, situação que favoreceu a permanência no campo de pesquisa. Foi-lhe possível, assim, participar do preparo da farinha de mandioca, da pesca no rio Solimões, da pesca no lago e do trabalho da malva.

As entrevistas foram realizadas em diferentes lugares do trabalho: na casa de farinha, no paiol, em um banco de madeira na beira do rio, na casa do participante e no roçado da malva; respeitando sempre a vontade do entrevistado. A observação participante aconteceu durante as entrevistas e ainda em outros momentos, no local e na prática do trabalho, sendo possível

8 Na comunidade são casas de madeira coberta com alumínio, construídas com esteios (madeira que permite com que o assoalho ou piso da casa esteja distante da terra para que no período da enchente a casa do ribeirinho não seja submersa pelas águas do Rio Solimões).

9 São casas cobertas com alumínio. São construídas em cima de troncos de árvore de grande porte que têm a capacidade de flutuar, tais como a madeira da árvore do assacu. Os troncos são utilizados como boia e em cima desta madeira é construído a estrutura da casa. As casas flutuantes localizam-se nas margens do rio Solimões e ainda nos paranás.

registrar no diário de campo alguns dados complementares e também fazer os registros fotográficos.

Técnica de análise dos dados

A técnica para a análise de dados foi baseada na adaptação proposta por Moraes (2010) da sistemática da Análise da Teoria Fundamentada (Grounded Theory) de Glaser e Strauss (1965). Desenvolvida pelos sociólogos americanos Barney Glaser e Anselm Strauss, a Teoria Fundamentada é um método qualitativo que analisa o contexto social, bem como se agrega a outras teorias, propiciando novos conhecimentos acerca dos fenômenos estudados (Strauss & Corbin, 2008).

A proposta central da sistemática da Teoria Fundamentada é estruturar as informações coletadas nas diferentes entrevistas, visando trazer à tona elementos comuns, articulados a partir dos eixos centrais. Nesta pesquisa partiu-se de um marco teórico já consolidado, a Psicodinâmica do Trabalho, utilizando suas categorias de análise; e recorreu-se à Teoria Fundamentada para sistematizar os dados e construir os eixos de análise.

Ao final do processo tornou-se possível identificar a categoria central e concomitantemente proceder a análise da mesma – a organização de trabalho do Ribeirinho em sua complexidade. Neste sentido, percebeu-se que as etapas do processo deste método acontecem de maneira conectada. Com a interligação entre teoria, campo empírico, refinamento e integração das categorias, abriram-se caminhos para estudar os fenômenos centrais, sem deixar de considerar os de menores proporções que apareceram durante o processo de comparação constante.

Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal do Amazonas – CEP/UFAM - CAAE: 99959018.1.0000.5020 e parecer consubstanciado do CEP, de número: 3.005.249. Assim, a pesquisa seguiu todos os critérios éticos necessários para sua realização.



Ribeirinho: vida e trabalho

Considerando a origem e vivência Ribeirinha da primeira autora, e sua implicação subjetiva nesta pesquisa, a partir desta parte do texto a narrativa passa para a primeira pessoa do plural.

Nós, os Ribeirinhos, possuímos raízes ancoradas em povos tradicionais. As residências na comunidade ribeirinha são casas palafitas ou casas flutuantes às margens dos rios. Os modo de vida e de trabalho do Ribeirinho são marcados pela complexidade e articulados aos eventos da natureza. Somos pessoas simples, que, mesmo vivendo em um contexto complexo, que exige um manejo inteligente, conservamos a humildade. Nossos valores e apreços estão para além dos bens materiais (o capital). Temos como fundamento manter e sustentar a família, o que consiste em nossa maior riqueza. Nossa historicidade carrega uma força e uma sabedoria que nos impulsiona a lutar, ser resistentes e não nos resignarmos frente às adversidades. Nossas relações e cotidiano são permeadas pelo afeto. A vida e o trabalho se conectam e são interdependentes; mesmo sendo distintos, estão interligados e não se efetivam isoladamente. A vida e o trabalho estão juntos porque vida é trabalho e trabalho é vida.

Organização de trabalho: “é assim o trabalho da gente”

Segundo a psicodinâmica do trabalho, a organização do trabalho é interpelada pelo real, que se manifesta em imprevistos e revezes, apresentando constantemente desafios, seja por causa das regras e normas ou dos imprevistos presentes nos espaços organizacionais. Neste contexto, pela experiência e convivência entre os trabalhadores no ambiente de trabalho, a organização do trabalho real se efetiva como compromisso, pois esta é um produto das relações sociais (Dejours, 2011a).

Para Dejours (2012b, 2017), o trabalho ocupa um lugar central no funcionamento da sociedade, tanto na produção de riqueza, no contexto macroeconômico, como no plano individual, no nível psíquico; sobretudo na construção da identidade. O trabalho se configura pelo saber fazer, pelo engajamento do corpo e pela mobilização da inteligência diante de diferentes situações em que o trabalhador é confrontado com acontecimentos inesperados.

A organização do trabalho agrícola do Ribeirinho se caracteriza como agricultura de subsistência, que consiste no plantio de: mandioca, macaxeira, milho, feijão, melancia, jerimum, banana e outros. Há também o plantio da malva e da juta, espécies não alimentares presentes na unidade da roça. A outra atividade é a pesca. É uma prática comum entre os povos

da Amazônia, que pode ser exercida nos rios, lagos e igapós¹⁰ Indagados sobre o que fazem em seu trabalho, os participantes da pesquisa responderam: “Capinar né, desfilhar a malva¹¹, aí eu planto roça também, pesco no lago, no rio, de arrastão; no lago é de malhadeira né, de flecha, arpão” (João).

Eu faço tudo né, eu roço, eu capino, eu faço farinha, eu quebro milho, ajunto jerimum, tudo eu faço, apanho feijão, eu planto banana, eu planto macaxeira, eu planto mandioca, eu planto milho, eu planto cana, eu planto planta mesmo de flores, tudo eu planto, tudo a gente vai fazendo né (Iracema).

A complexidade da vida cotidiana de trabalho do Ribeirinho encontra-se marcada pelas chuvas e configurações do lugar, que acontecem a partir da subida e descida das águas. Esta sazonalidade, dependendo da atividade, atua dificultando ou facilitando a prática do trabalho. Situação que leva o Ribeirinho lançar mão da sua inteligência prática. A realização de suas atividades acontece de modo peculiar, quando olhamos pela perspectiva do modo de vida e cultura dos Ribeirinhos da comunidade pesquisada.

Ressalta-se a importante contribuição de Calegare (2012) ao mencionar que, ao trabalhar em comunidades ribeirinhas amazônicas, se faz necessário conhecer as generalidades e saber das suas particularidades. Reconhecer que sua cultura é diferenciada, complexa e não facilmente apreensível, concebida por aspectos simbólicos e naturais em que cada realidade social dos povos e comunidades tradicionais tem seu modo particular de se apresentar.

Nesta direção, dentre todas as atividades do Ribeirinho, ressalta-se que duas são predominantes, apresentam-se como centrais: a pesca e o cultivo da mandioca para fabricar farinha, que são a base do alimento.

Imagem 1 e 2 - Peixe de escama pescado no lago e a produção de farinha de mandioca.



Fonte: Maciel (2019)

10 São áreas alagadas da mata que o trabalhador comumente realiza a pesca para a subsistência.

11 São plantas que possuem fibras naturais ou vegetais, cultivadas pelo ribeirinho, constitui - se como uma das principais fontes de renda para as famílias da localidade pesquisada.

Como os Ribeirinhos se organizam para o trabalho

A organização de trabalho da comunidade ribeirinha estudada possui elementos característicos que expressam o viver ribeirinho e sua organização a partir da cultura, do modo de vida, das tradições de um povo que possui seu jeito próprio de trabalhar, em consonância com a história do lugar, sem a intenção de acúmulo de capital.

Na literatura da psicodinâmica do trabalho, a organização de trabalho parte dos superiores hierárquicos. No contexto dos Ribeirinhos, os próprios trabalhadores organizam o seu trabalho, dentro do contexto familiar, voltados para a busca da subsistência. Nas famílias, o papel de liderança geralmente é exercido pelos homens, considerados chefes de famílias. “Quando amanhece o dia como hoje né, um foi pra roça, outro veio pra cortar malva e outro foi pescar, aí outro vai tirar lenha que é justamente para torrar a farinha, é isso que a gente faz” (João).

Construí família e eu tenho que ajudar meu marido, porque nós tivemos filhos, então vamos trabalhar junto e criar junto né, então nós trabalhamos todo tempo de ombro a ombro para poder criar nossos filhos, que já estão todos grandes, mas nós ainda estamos trabalhando (Suely).

Os participantes da pesquisa explicaram que há uma divisão de tarefas e também estas são realizadas em conjunto: “Nós trabalhamos juntos, quando eu vou pra roça eu chamo, né: “bora, vamos arrancar, vamos carregar lenha”. Nós trabalhamos juntos. O trabalho doméstico sou eu que faço. Quando as minhas filhas estão aqui, elas me ajudam” (Suely).

Na comunidade pesquisada, embora seja mencionado que o trabalho é realizado em conjunto, observou-se que as mulheres, além de realizar o trabalho doméstico, também ajudam os homens no trabalho fora de casa, situação de divisão de trabalho desigual, pois não é comum nesta comunidade que homens realizem o trabalho doméstico.

Neste contexto, apesar destas negociações concernentes ao trabalho “fora de casa”, neste caso do trabalho rural, o trabalho doméstico, ao que parece, é naturalizado como uma atividade que deve ser realizada pela mulher. Nesta direção, concordamos com Nina (2016), que, pesquisando o trabalho doméstico no contexto rural, pontua que este, como todo trabalho, situa-se no campo do real, que resiste e obriga o sujeito a enfrentar o fracasso e vivenciar o sentimento de impotência. É um trabalho compreendido como uma “sina”, à qual a mulher está submetida por uma prescrição ancestral. Ressaltamos que esta divisão sexual de trabalho, que significa sobrecarga para a mulher, é advinda de uma construção histórico-cultural.

As atividades são organizadas por uma prescrição familiar, que naturaliza a liderança masculina. Todavia, também são ancoradas no afeto, que acontece dentro de uma conjuntura da cooperação no trabalho. O trabalho é “dividido”: as tarefas são distribuídas entre os membros da família. É também “trabalho junto”, no sentido de que o trabalho de um se completa com o trabalho dos outros, cujo propósito é a subsistência da família. Para Dejours (2012b), toda regra de trabalho consiste em um conjunto que se dá da relação com o real do trabalho e o viver junto, ou seja, ao mesmo tempo que é uma regra técnica é também a regra do conviver.

Sofrimento no trabalho do Ribeirinho

Na concepção da psicodinâmica do trabalho, trabalhar implica sofrimento, preliminarmente, pelo confronto com o real. Também essa abordagem teórica indica que o sofrimento está relacionado ao confronto entre os desejos do sujeito e as normas da organização (Dejours, 2012b). Entretanto, na presente pesquisa os próprios trabalhadores estabelecem a sua organização de trabalho, o que significa que não dependem das normas e procedimento planejados por outrem. Todavia, o confronto com o real é cotidiano, e o desafio está em realizar o planejado, visto que dependem dos fenômenos da natureza, tais como chuvas, secas, cheias, dentre outros. E trabalham em condições penosas e deletérias, que agravam o sofrimento.

Os trabalhadores da pesquisa relataram que tirar a madeira da mata no período da vazante¹² e seca¹³ do rio é um dos maiores agravantes de sofrimento, a que se referem como “dificuldades”:

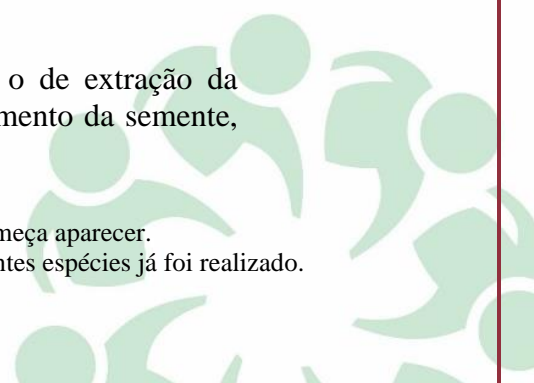
Quando tá seco a gente vai por terra pra mata né, o cara vai serrar uma madeira aí serra e não tem como a gente trazer que é muito longe, então a dificuldade é grande, a gente derruba, aí traz, quando tá cheio o rio, pra cá pra perto de casa, aí já fica mais perto a madeira (João).

Nesta comunidade a madeira é utilizada para a construção ou manutenção de suas casas e objetos como mesa, cadeiras e armários, dentre outros. Também a utilizam para fazer varal para estender a fibra da malva para secar; para o fogão de lenha. E ainda usam a madeira para fazer o fogo para torrar a farinha de mandioca.

Outro trabalho considerado pesado e cansativo é o de extração da malva. Às vezes o dinheiro que resta, após o pagamento da semente,

12 É o período em que a água do rio começa escoar e a terra, aos poucos, começa aparecer.

13 É quando a água escoou por completo. Neste período o plantio das diferentes espécies já foi realizado.



não vale todo o esforço para cultivá-la, pois: “é um trabalho que começa na lama e termina dentro da água (Suely).

O trabalho da malva: primeiramente a pessoa limpa a terra né, no outro ano vai semear; como aqui é várzea, né, o cara semeia aí depois vem a limpeza. O cara vai limpar; depois da limpeza, a dificuldade é grande da malva, né, depois da limpeza já vem o corte. Aí o cara vai cortar, botar na água, aí vai lavar, aí vai para o varal, aí vai enfardar, aí que vai vender, né, é um trabalho complicado a malva, né. É assim o trabalho da malva (José).

O trabalho com a malva inclui muitos processos e em todos eles o trabalhador fica exposto ao sol, ao calor ou à chuva, o que agrava o sofrimento.

Estar doente e ter que trabalhar, também foi mencionado como um motivo de sofrimento. Podemos observar na fala a seguir: “trabalhando doente, pelejando, isso daí a gente fica triste, fica só pensando né, que a gente está doente, baqueado, e a gente não pode fazer como quando a gente está bom, né” (João).

Estas situações de adoecimento estão relacionadas às condições de trabalho, nas diferentes atividades que desenvolvem; e aos imprevistos advindos do real do trabalho. O Ribeirinho é acometido por doenças físicas que o deixam impossibilitado de realizar seu trabalho, situação que pode levar a um processo de intensificação do sofrimento, pois, ao se ver incapaz de trabalhar, sua subjetividade é afetada.

Na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, o sofrimento se configura como parte integrante do trabalho, pois é diante dos imprevistos e incidentes ocasionados pelo real do trabalho que se percebe a distância entre o planejado ou a prescrição e o real. Considerando que a experiência com o real acontece pelo viés da afetividade, trabalhar inevitavelmente leva o trabalhador experienciar sofrimento (Ghizoni et al., 2022).

Os entrevistados relataram dificuldades (condições penosas e deletérias) relativas à abundância de insetos e animais peçonhentos: formigas, mutucão¹⁴ e baratas da água, no trabalho da malva. De maneira peculiar, foi mencionada a presença de cobras e escorpiões na atividade de tirar a madeira da mata.

A dificuldade maior que tem mesmo são as pragas, né, que a gente corre risco, os peçonhentos, né. Eu acho que é no trabalho da mata né, da madeira, como cobras e escorpião, eu acho que da água não tem, acredito que não, porque eu nunca ouvi comentário nenhum sobre perigo de lavar malva não, acredito que só o caso da doença mesmo (Chicó).

14 Inseto mutuca de médio ou grande porte. Além de incomodar suas picadas são dolorosas.

O sofrimento relacionado às condições de trabalho apareceu também no trabalho da roça de farinha de mandioca. “Quando eu estou torrando farinha né, que eu passo o dia em pé na roda do forno, aí à tarde, quando eu termino, eu sinto a dor na perna, na perna esquerda” (Lourdes). O processo de torrar farinha de mandioca também é bastante penoso. “A gente vai decotando¹⁵ e vai doendo a “cadeira” (coluna lombar) da gente”. Ontem eu quase não conseguia mexer com esse meu braço aqui, quase não dormia de noite com essa dor” (Joaquina).

As outras situações de sofrimento descritas estão relacionadas aos fatores ambientais ou às condições climáticas. “Hoje o sol foi muito quente né, trabalhei, mas fiquei cansado, aí o cara, no final da tarde, fica cansado. O sol fadiga muito, maltrata muito a gente” (José).

Por outro lado, os dias de chuva também são abundantes no primeiro semestre do ano, e mencionados como penosos:

Dia ruim de trabalho é um dia de chuva né, às vezes a gente pega chuva trabalhando, a gente as vezes tem trabalho que tem que enfrentar a chuva né, estar ali naquele trabalho, esse é um dia ruim que a gente estar enfrentando, dia de chuva por aí né às vezes longe de casa, mas a gente tem que fazer né, enfrentar aquela dificuldade, aí é um dia ruim né, a gente sente às vezes frio né, agonia porque estar ali molhado, né, roupa molhada né, tudo isso é ruim (Lourdes).

A região amazônica é conhecida por altas temperatura e humidade. Na maioria das atividades os Ribeirinhos da comunidade pesquisada estão expostos ao sol e calor ou chuva. Estas condições climáticas favorecem a realização de algumas atividades, mas para outras são mencionadas como dificuldades.

São ainda referidas as condições de trabalho penosas na pesca do peixe liso no rio Solimões. As falas dos trabalhadores são condizentes com a situação ilustrada nas imagens a seguir.

Imagem 3 e 4 – Trabalho de pesca no rio Solimões



Fonte: Maciel (2019).

¹⁵ Consiste em retirar a partir de um corte de terçado (facão grande) a mandioca (raíz) do pé da planta maniva.

A pesca do rio é lanceando aí no meio do rio com o pessoal puxando rede, meio doído, é pesado o trabalho da rede aí no meio (rio). O trabalho de pesca é isso, pesado, arriscado né, porque uma balsa aí ainda bate. Um engate, pau na rede, de repente se alaga, temporal, tudo isso... Corre perigo mesmo o pescador aí no meio. É complicado, o cara joga a rede e puxa, mas não é bom não, cedo a pessoa está todo quebrado, maltrata muito, sente dor nas cadeiras, na costa, e é assim (José).

Na comunidade pesquisada a maioria dos trabalhadores deixou de trabalhar na pesca do peixe liso do rio Solimões; talvez estas condições de trabalho justifiquem tal decisão. Durante a observação participante, foi possível compreender o quão difícil é realizar esta atividade: o trabalhador gasta com gasolina para abastecer o motor da embarcação chamada rabeta e às vezes o tempo e dinheiro gastos durante o período da pesca não compensam; há ocasiões em que não se pesca nenhum peixe, ficando no prejuízo. Durante a pesca, há o risco de engatar a rede de pesca, por causa da frequente presença de madeira no fundo do rio. Também é necessário que o trabalhador utilize muita força para puxar uma rede de pesca de aproximadamente oitocentos metros de comprimento do fundo do rio, pois a força da água torna a rede mais pesada. Ouvia-se relatos de que há pescadores jovens com problemas na coluna e osteomusculares, possivelmente relacionados a estas condições de trabalho.

Segundo, Monteiro et al. (2022), a atividade de trabalho não atua somente como oportunidade de desenvolvimento psicossocial, pois a precarização do mundo do trabalho além de afetar a subjetividade do trabalhador atuam como geradora de sofrimento e conseqüentemente o adoecimento se instala.

Há ainda falas que apontaram dificuldades com relação à venda dos produtos, como mencionado: “Porque tu trabalha com aquela vontade, tu tem aquela vontade de no final adquirir alguma coisa e no fim tu não adquire nada, porque não consegue vender” (Iracema).

Na comunidade não há uma cooperativa, nem associação, nem um grupo de pessoas que se articule para resolver a situação de venda dos produtos. A situação se agrava por dificuldades relacionadas à infraestrutura de transporte e à distância entre as cidades.

Houve ainda menção a outras situações relacionadas ao sofrimento, como: trabalhar sozinho; quando não consegue cumprir o trabalho proposto; realizar o trabalho doméstico sozinho; não ter ninguém para ajudar; incertezas inerentes ao trabalho na roça (condições do solo, condições climáticas).

Tal como postula a Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho pode propiciar realização e prazer, atuando como operador de saúde; mas também pode ocasionar sofrimento e desencadear doenças. Os relatos dos participantes sinalizam o sofrimento relacionando-o a sinais, sintomas

e formas de adoecimento. Alguns trabalhadores nomeiam o adoecimento como reumatismo, relacionando-o ao trabalho da malva e ao processo de tirar mandioca da água, como relatado na seguinte fala:

Dor do reumatismo, porque quando a gente larga do trabalho que a gente tomou banho, aí a gente sente muita dor no toco do braço, nas cadeiras, por causa do trabalho da malva, né, a gente passa o dia todinho na água, né, dizem que é reumatismo; é da lavação, que é frio né, a gente fica dentro da água o dia todinho lavando malva, só sai de tarde. E quando chega a noite a dor ataca (João).

Ressalta-se que o trabalho de lavagem da fibra da malva acontece dentro da água. Após ser submersa na água, de cinco a sete dias, está pronta para ser lavada ou retirada a fibra. Na imagem 7 temos registrada a situação de trabalho de como se dá a lavagem ou desfibramento da malva na comunidade.

Imagem 5 - Situação de trabalho de lavar ou retirar a fibra da malva



Fonte: Maciel (2019).

Nesta parte do trabalho com a malva, que é o período da enchente do rio, o trabalhador enfrenta sérias dificuldades, pois precisa ficar com parte do corpo submersa por várias horas: os membros inferiores, incluindo parte da coluna lombar; as mãos, os punhos e parte do braço, fazendo movimentos repetitivos com os braços, punhos e mãos. Situação compreendida como deletéria, pois trabalha com as pernas dentro da água, e a cabeça, mesmo estando coberta com chapéu, recebe o calor do sol, ocasionando sensação de cansaço intenso. A situação se agrava quando o trabalhador precisa lavar a malva embaixo de chuva, pois o frio torna-se muito mais intenso, não só nas pernas, como em todo corpo, propiciando dores no final do dia, principalmente nas articulações.

No trabalho de tirar a mandioca da água para fazer a farinha de mandioca, geralmente o trabalhador arranca ou retira a raiz (mandioca) da terra e a coloca para amolecer com casca dentro da água em uma canoa; em um tempo que oscila entre cinco a oito dias, a mandioca

estará pronta para ser retirada. Neste processo, o trabalhador fica algumas horas com as pernas dentro da água, molhado, fazendo movimentos repetitivos com as mãos e punhos e curvando-se para colocar a massa puba¹⁶ em sacos de fibra ou em baldes de plástico, posteriormente precisará empregar esforço para carregar a massa para a casa de farinha.

Desse trabalho é o reumatismo que dá né, como até hoje eu tenho esse reumatismo, quando a gente ia tirar a mandioca da água que a gente ficava dentro da água atolado alí dentro da água e tudo isso ele vai entranhando nos ossos (Lika).

Esta situação de trabalho tem mudado, pois, atualmente, na comunidade, muitos trabalhadores colocam a mandioca para amolecer perto da casa de farinha em grandes tanques de plástico com água do rio Solimões, situação que facilita o trabalho. As mandiocas colocadas no tanque geralmente são descascadas, amolecem em um tempo menor e a massa é retirada pronta para ser posta na gamela¹⁷ e posteriormente ser depositada na prensa,¹⁸ para ser espremida. Com este novo processo o trabalhador ganha tempo e evita um desgaste físico maior.

Neste contexto, quatro trabalhadores nomeiam as dores do corpo, dos punhos, dos dedos, como reumatismo. Seus relatos afirmam que algumas de suas atividades de trabalho, assim como o avanço da idade, são os principais causadores desta doença. É importante destacar que não descartamos a possibilidade de que essas dores estejam dentro de um quadro de doenças osteomusculares. Todavia nenhum destes trabalhadores recebeu atendimento e nem realizou exames médicos, de maneira que não há um diagnóstico.

Há também relatos de outras situações de adoecimento que ocasionam sofrimento, tais como: gripe, febre, dor na cabeça, dor no corpo, tosse; relacionados pelos trabalhadores ao trabalho com a malva. Segundo os relatos essas doenças são comuns na comunidade no período em que o rio está enchendo e repentinamente para de encher, um fenômeno chamado de repiquete. Neste período em que a água para, comumente os trabalhadores estão colhendo a malva e a submergem em pequenos lagos de água parada, com aspecto apodrecido e forte odor, local propício segundo relatos para o ajuntamento de pequenos insetos, dentre outros a barata d'água que podem causar danos à saúde.

16 É a massa homogênea, resultante do processo de fermentação da mandioca, por estar submersa. Possui um forte odor desagradável.

17 Caixa de madeira, usada na casa de farinha. Geralmente é utilizada para colocar a massa da farinha de mandioca.

18 Armação, com uma madeira grande localizada na longitudinal, que serve para prensar a massa que está dentro de panos de saco, em uma pequena armação quadrada feita com pequenos pedaços de madeira.

Alguns trabalhadores mencionaram ainda sentir dores nas pernas, nas “cadeiras” (coluna lombar), nos braços, no pescoço, proveniente do trabalho da roça no processo de torrar a farinha de mandioca.

Nas imagens 6 e 7 a seguir, o trabalho de torrar a farinha de mandioca.



Fonte: Maciel (2019).

Para torrar a farinha de mandioca, é necessário que o trabalhador ande em círculo ao redor do forno quente, mexendo a massa de farinha no forno; para tal, utiliza um remo, que é movido com os dois braços, por aproximadamente duas horas e trinta minutos, para cada fornada de farinha¹⁹. Os relatos indicam cansaço agravado por altas temperaturas relacionadas ao calor do forno.

A pesquisa sinalizou ainda a presença de outros sinais e sintomas de adoecimento, como: dor nas pernas por causa do trabalho com a malva, e dores na coluna vertebral. E por último, um participante expôs que está com problema de alergia; provavelmente relacionada ao veneno que utilizou para limpar a área do roçado, preparando-a para o plantio.

São muitas as situações marcadas pelo sofrimento no cotidiano do trabalhador Ribeirinho; pontua-se que, como são diversas as atividades, também as dificuldades se manifestam por diferentes maneiras, nas diferentes atividades. Mas nem tudo configura-se como sofrimento, neste lugar dotado de valores, construído e alicerçado no passado por povos tradicionais. Pois os saberes compartilhados através da herança cultural, que passa de geração para geração, tornam este lugar do trabalho vivo dotado de significados. Assim, apesar dos muitos desafios e limitações, há motivos maiores para viver, conviver, compartilhar e desenvolver a cultura e modo de vida com alegria, em um movimento que subverte as dificuldades enfrentando os imprevistos pelo saber fazer.

¹⁹ Na Comunidade consiste em certa quantidade de massa que cabe no forno.



Mobilização subjetiva, inteligência prática e enfrentamento do sofrimento

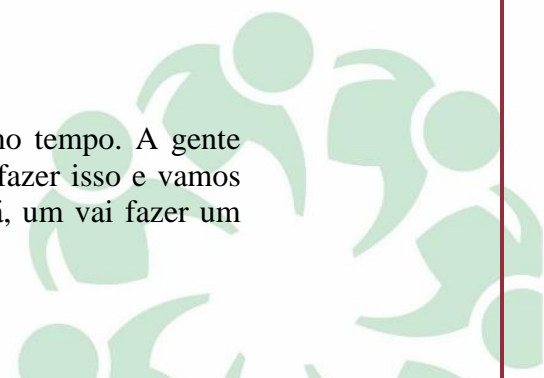
A vivência de sofrimento é inerente ao trabalhar. A psicodinâmica do trabalho explica que para se defender do sofrimento os trabalhadores constroem estratégias defensivas, individuais e coletivas, que consistem na minimização da percepção do sofrimento, para proteger o psiquismo e se manter no plano da normalidade. Destaca-se que as estratégias defensivas não foram identificadas na presente pesquisa. Todavia, a eficácia das referidas estratégias pode se esgotar, abrindo espaço para o adoecimento (Dejours, 2012b; Ghizoni et al, 2022).

Mas nem sempre o sofrimento conduz à patologia. A outra via possível é a mobilização subjetiva, a partir da qual o trabalhador emprega seus recursos subjetivos (inteligência, experiência, sensibilidade) para criar formas de realizar bem o seu trabalho e subverter o sofrimento. A inteligência mobilizada no trabalhar é essencialmente prática, corpórea, astuciosa (Dejours, 2011b). Quando as soluções dos problemas são discutidas, a inteligência prática, que era individual, é compartilhada no espaço coletivo, e se torna sabedoria prática. Pode então ser incorporada às regras de ofício, ao saber fazer de uma categoria profissional. Esse tipo de sabedoria é potencializada quando acontece a cooperação, pois diversos trabalhadores compartilham a sua experiência e o seu ponto de vista até encontrar a melhor solução, que será adotada pelo coletivo.

Os agravantes de sofrimento no trabalho dos Ribeirinhos estão relacionados às condições de trabalho e à dinâmica dos fenômenos naturais (chuvas, cheias, secas), com sua margem de imprevisibilidade. Segundo Castro (1999) para os povos das águas da Amazônia, trabalhar inevitavelmente encontrar-se em uma dimensão subjetiva, pois dependem do rio e do ciclo das águas para a realização do seu trabalho. Assim, é pela imbricação do tempo social e individual que se efetiva o tempo da natureza, como: tempo de plantar, de pescar de colher e outros.

Nesta direção, a inteligência prática se manifesta nos recursos que os trabalhadores constroem para lidar com tais situações. A fala a seguir mostra que a inteligência prática conduziu à organização do tempo, à coordenação das tarefas e à cooperação, que foram recursos importantes para otimizar o trabalho e não perder a colheita:

No período da cheia tem que fazer tudo ao mesmo tempo. A gente precisa levantar cedo e vamos pro roçado, vamos fazer isso e vamos fazer aquilo, um vai fazer isso, outro vai pra acolá, um vai fazer um



trabalho, outro vai fazer outro, e a gente faz, a gente se divide pra não perder a colheita e nem a semente (Suely).

A enchente determina o momento em que é necessário fazer a colheita. Os Ribeirinhos fazem acordos dentro de um contexto de coletivo familiar, organizam-se para o trabalho, dividem e executam as tarefas, enfrentam e subvertem as adversidades, fazendo uso da cooperação e principalmente do saber fazer, para garantir a colheita e manter a subsistência da família.

Neste contexto, Dejours (2012b) destaca que é no coletivo que se tem a possibilidade dos acordos. Ressalta-se que os acordos entre os pares raramente acontecem antecipadamente; a cooperação bem-sucedida se dá diante dos problemas, quando se manifesta o saber-fazer, pelo domínio que o trabalhador tem do seu ofício.

Os trabalhadores Ribeirinhos da comunidade estudada atuam enfrentando as diferentes situações de trabalho, tanto na perspectiva da inteligência da prática como da sabedoria da prática. A inteligência da prática se manifesta e, pela dinâmica do trabalho, logo passa para um outro nível, a sabedoria da prática, pois passa a ser socializada entre as pessoas da comunidade.

Outra ação, fundamentada na sabedoria prática, consiste em retirar do solo e suspender algumas plantas para não perdê-las durante o período em que a terra ficará submersa. E guardar as sementes para o novo plantio após a cheia:

A gente tira algumas plantas para suspender, para não perder né; aí quando vem a seca, torna de novo a plantar, né. Tem que guardar aquelas plantas, tirar semente pra quando sair a terra a gente tornar a plantar de novo, né. Tem que plantar muita roça pra guardar, pra gente passar o tempo da enchente, se manter durante a enchente (Lourdes).

Segundo Meneghetti e Souza (2015), quando falamos de agricultura familiar amazonense, se faz necessário considerar o modo de vida, a cultura típica e sua relação com o ambiente, pois mesmo enfrentando a sazonalidade dos rios-secas e vazantes, situação que propicia baixa quantidade de nutrientes e matéria orgânica no solo, o ribeirinho é constantemente desafiado a desenvolver uma agricultura sustentável.

Essas práticas configuram-se regras de ofício, caracterizadas na comunidade como práticas decorrentes da experiência de gerações passadas, incorporadas ao coletivo, no contexto da agricultura familiar.

Ainda no contexto da mobilização subjetiva, ressaltamos que a “ajuda” é bastante comum na comunidade pesquisada, assim como em outras comunidades da Amazônia. “Ajuda” configura-se como trabalho que se efetiva pela cooperação, que se dá por acordos firmados e

compartilhados entre os membros da família e pela vizinhança, pelo viés do afeto, da generosidade: “Quando eu vou cortar malva eles me ajudam e ela (a filha) fica em casa cuidando de casa, me ajuda muito, bastante, é ela que toma conta de casa, né” (Joaquina).

A cooperação, ou ajuda, também é importante no trabalho de fabricar a farinha de mandioca, alimento básico na região em que a pesquisa foi realizada:

Para fazer farinha, todos ajudam, tudo que tiver ajuda. Ontem, uma hora dessa, nós estávamos pegados nessa raspagem aí, raspando mandioca; deu pra encher esses três, quatro tanques aí, acabamos um pouco mais tarde do que isso. Estava todo mundo, desde a vizinha daí estava ajudando, mas só era mas nós de casa, o rapaz daí (vizinho) que tá aí, e essa menina, estavam tudo ajudando, todos estavam com a mão na massa (Gabriel).

Monteiro et al, 2022, relatam que, quando a organização de trabalho propicia ao trabalhador formas de liberdade para realizar o seu fazer, o engajamento do coletivo de trabalho acontece pela cooperação, pela inteligência da prática pelo viés da mobilização subjetiva.

Na comunidade pesquisada, caracterizada por agricultura familiar, voltada para a subsistência, ajudar, viver junto e compartilhar as atividades com os membros da família fazem parte do cotidiano. Normalmente a ajuda acontece a partir da cooperação, das trocas de favores e pagamentos por produtos. Como expressado na fala: “Já dou pra aqueles que me ajuda né, eu dou uma saca, eu dou duas sacas de farinha né, conforme nós fizer eu já vou dando para aquele que me ajuda pra não perder” (Iracema).

Neste contexto, ajuda é trabalho pelo viés da cooperação, é dar de si, é usar a força de trabalho ancorada no apoio, na solidariedade e principalmente pelo afeto que há entre as pessoas, seja no contexto familiar ou da comunidade.

O Ribeirinho consegue lidar com os problemas do cotidiano com muita eficácia. Comumente subverte quase todos as circunstâncias desfavoráveis relacionadas às situações de trabalho, assim como do seu modo de vida, mobilizando a partir da inteligência prática expressa em seu saber fazer.

Considerações finais

Pesquisar o trabalho do Ribeirinho a partir do referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho permitiu acesso à sua dimensão subjetiva; o Ribeirinho teve oportunidade de falar de suas vivências, das adversidades enfrentadas, das peculiaridades da sua organização de vida e trabalho, evidenciando a sua complexidade.

Com base no conhecimento experiencial do modo de vida e trabalho Ribeirinho, compreende-se que trabalhar no contexto rural configura-se como um verdadeiro desafio, pois além de enfrentar situações próprias advindas do seu modo de vida, da sua cultura, das situações das enchentes, o trabalhador também enfrenta dificuldades, tais como: situações relacionadas ao atendimento de saúde e difícil acesso a benefícios previdenciários.

Além disso, as comunidades em que ocorreu a pesquisa é desprovida de infraestrutura. As políticas públicas não são efetivas; o trabalho do Ribeirinho é desvalorizado economicamente e ainda assim, o sujeito consegue encontrar meios de lidar com os imprevistos. Decerto que neste processo há o engajamento de sua subjetividade.

A pesquisa mostrou que a organização de trabalho do Ribeirinho é complexa, possui múltiplas tarefas e parte de seu próprio planejamento. Os trabalhadores se organizam coletivamente, partindo de regras transmitidas de pai para filho, com destaque para a cooperação, chamada de “ajuda”, em um contexto caracterizado por agricultura familiar e pesca para subsistência.

A organização de trabalho do Ribeirinho está no contexto da imprevisibilidade, o real do trabalho está presente no cotidiano de vida e trabalho. Há uma distância considerável entre o que é planejado e o que é realizado, vistas as inúmeras situações relacionadas à dinâmica da natureza: enchentes, chuvas, secas. O ciclo é previsível, mas há variação na intensidade, trazendo muitos imprevistos.

Os agravantes de sofrimento se relacionam principalmente às condições de trabalho, penosas e deletérias, e às intempéries da natureza, destacando-se o calor típico de uma região quente e úmida. A inteligência prática do trabalhador aparece de modo peculiar, pois articula seu modo de vida e sua organização de trabalho com os fenômenos da natureza. Destaca-se que os trabalhadores se mobilizam, recorrem à cooperação, chamada de ajuda, e enfrentam as adversidades. As situações em que a ajuda mais se destaca são o trabalho com a malva, o trabalho na roça e na fabricação de farinha de mandioca. Apesar das adversidades, o Ribeirinho consegue manter a subsistência, e considera uma conquista levar o peixe pescado no lago para alimentar a família.



REFERÊNCIAS

- Castro, Edna. (1999). Tradição e modernidade: a propósito de formas de trabalho na Amazônia. *Novos Cadernos NAEA*, vol. 2, nº 1. <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v2i1.200>
- Calegare, M. C. A. (2012). Questões à Psicologia Social a partir de experiências em comunidades ribeirinhas Amazônicas. In: Lima, A. F (Org). *Psicologia Social Crítica: Parallaxes do Contemporâneo*. Cap. 9. (pp. 197-218). Porto Alegre, Sulina.
- Dejours, C. (2011a). Addendum – Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar (Orgs.). *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*, (pp. 57-119). Brasília: Paralelo 15/Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Dejours, C. (2011b). Inteligência prática e sabedoria prática: Duas dimensões desconhecidas do trabalho. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar (Orgs.). *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*, (pp. 277-299). Brasília: Paralelo 15/Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Dejours, C. (2012a). Trabalho vivo, tomo I, Sexualidade e Trabalho. Brasília, Paralelo 15.
- Dejours, C. (2012b). Trabalho vivo. Tomo II. Trabalho e emancipação. Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2017). *Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos*. Porto Alegre: Dublinense.
- Ghizoni, L. D., Moraes, R. D., Traesel, E. S, & Martins, S. R. (2022). Escutas clínicas acerca do sofrimento no trabalho: Singularidades de um Brasil plural. In M. N. C. Freitas. *et al.* (Orgs). *Psicologia organizacional e do trabalho: perspectivas teórico-práticas* (pp. 383-421) 1ª ed. São Paulo: Vetor.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021). Página institucional. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/anori/panorama>
- Meneghetti, G. M., Souza, S. R. (2015). A agricultura familiar do Amazonas: conceitos, caracterização e desenvolvimento. *Margem: Amazônia*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 35-57. <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1033378>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14 ed. São Paulo: Hucitec.
- Moraes, R. D. (2010). *Prazer-sofrimento no trabalho com automação: estudo em empresa japonesa no Polo Industrial de Manaus*. Manaus: EDUA.
- Moraes, R. D. (2013). Sofrimento criativo e patogênico. In F. O. Vieira, A. M. Mendes, & A. R. C. Merlo (Orgs). *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*, (pp. 415-419). 1ª ed. Curitiba: Juruá.
- Moraes, R. D. (2015). Trabalho e Emancipação: Um Olhar da Psicodinâmica do Trabalho. In R. D. Moraes, & A. C. L. Vasconcelos (Orgs). **Trabalho e Emancipação: A Potência da Escuta Clínica**, (pp. 61-69) Curitiba: Juruá.
- Monteiro, J. K., Freitas, L. G., Ribeiro, C. V. S., Rissi, V, & Souza, R. G. (2022). Os sentidos do trabalho em tempo de capitalismo neoliberal: Como fica à saúde mental do trabalhador?.

In M. N. C. Freitas. *et al.* (Orgs). Psicologia organizacional e do trabalho: perspectivas teórico-práticas (pp. 463-487) 1ª ed. São Paulo: Vetor.

Nina, S. F.M. (2014). Trabalho, Ambiente e Saúde: Cotidiano dos Fazeres da Mulher Rural na Amazônia (Tese de Doutorado). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Manaus.

Nina, S. F. M. (2016). Do rural ao urbano na Amazônia: saúde, ambiente e trabalho da mulher. In J. A. Oliveira (org). Dinâmica urbana na Amazônia brasileira: espacialidades, ambiente e saúde, (pp. 153-194), Manaus: EDUA.

Strauss, A. & Corbin, J. (2008). Pesquisa Qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da Teoria Fundamentada. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.

Contribuições das autoras	
Autor 1	Administração, escrita, revisão e edição.
Autor 2	Investigação, revisão e orientação do texto e método
Autor 3	Investigação, revisão de texto, método de pesquisa em contexto rural